BRINCANDO AO SOL

Foto: Platão Mendes

Entre rochedos e neve.
NOSSA SENHORA DA ESTRELA

Sumário

N.º 93

JANEIRO

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

ASSINATURA AO ANO
12$00

AVULSO 1$00

NÃO vimos certamente trazer-vos a noticia de que a M. P. F. vai comemorar o seu décimo ano de existencia.

Ainda não é hoje que vos marcamos o programa com que celebraremos por todo o Portugal este acontecimento. Porque, repara desde já, queira que se não queira, a M. P. F. é já hoje um acontecimento na vida portuguesa. No sentido de melhor nos prepararmos todos para a comemoração festiva, o Comissariado Nacional reuniu agora, nos primeiros dias de 1947, as dirigentes do país que vieram a Lisboa na sua quase totalidade.

Esta informação apenas se vos refere naquilo em que precisais de saber:

1.º Que continuais a ser a primeira e a maior preocupação do Governo e, por isso, do Comissariado.

Trabalhamos dias seguidos a pensar em vós, nos vossos problemas, na vida de cada rapariga portuguesa. Parece-nos que nenhuma preocupação da vossa preparação cada vez mais actual e capaz para o vosso futuro, nos ficou estranha. Pensamos e repensamos em vos ajudar a cumprir o vosso «*oficio de mulher*», dentro da família e da Nação, como seus elementos úteis.

* * *

2.º — Esta foi a nossa parte. Falta agora a vossa. A vossa compreensão e... justiça. Ia dizer até a vossa gratidão.

Precisamos sobretudo que colaboreis connosco entusiasta e porfiadamente na obra de **rejuvenescimento** que estamos dispostas a marcar cada vez mais à nossa M. P. F.

Ouviste?... **rejuvenescimento,** E' possivel que as coisas novas, que a Mocidade, envelheça?... Vamos ser **mais... Mocidade!**

* * *

3.º Depois, precisamos de todas e de cada filiada para a execução do **programa do Ano X.**

Quando te batermos à porta, acode a responder: **Presente!**

Queremos mais e queremos melhor.

Não queremos parar. Entra tu dentro deste espirito.

Passa palavra: **Ano X.**

* * *

Temos dado à M. P. F. toda a colaboração e dedicação a que ela tem direito?

Que se passa à tua volta, em matéria de entusiasmo e de vida associativa?

Não podes ajudar a melhorar?

Ano X! Ano X!

G. A.

PARA O ANO X DA M. P. F.

A II REUNIÃO NACIONAL DE DIRIGENTES

TEATRO

Os valores do teatro são, do ponto de vista cultural integral, dos mais ricos e eficientes, no domínio das artes.

O teatro — tablado vivo onde o artista incarna o personagem fictício de uma noite ou de uma temporada — é sem dúvida uma escola profundamente educativa, ou... deseducativa.

Consideramos apenas o aspecto positivo: o teatro é escola de vida. Os seus valores pedagógicos são fortes e comunicativos.

Além do aspecto dicção, domínio de uma atitude correcta, disciplina, etc., o teatro pela adesão que exige, leva-nos a uma cooperação real, nas reacções sucessivas provocadas pelo desenrolar da cena.

Há valores que se descobrem apenas no próprio tablado do teatro e há outros que só o público adivinha. Seja como fôr o facto é que o teatro é, ou devia ser, tão rico como a vida. E o teatro nasceu com a própria vida; teatro é a farça ou drama (ou talvez um mixto dos géneros todos) que representamos no palco do mundo. De um fingimento grandioso tem origem o significado «teatral» e o teatro que não é essencialmente esse fingimento sublime, é a vida do homem, a vida dos seus sonhos, a dureza das suas misérias e da sua dôr, a ingenuidade da sua loucura.

Só uma degenerescência de valores faz do teatro divertimento baixo, gozo inestético e apenas exterior. Parece que o homem não quis atormentar-se com os problemas primários do seu destino e se divertiu (no sentido etimológico) procurando barulho e grosseria.

Se o teatro é reflexo de uma sociedade, sem necessàriamente a retratar, a nossa dá hoje uma triste amostra de gostos, de temática, de angústia e de sonho.

Urge portanto (embora o problema seja muito mais complexo do que parece) exigir um teatro sério. É preciso que a juventude serenamente deite fora as serpentinas, as luzes berrantes, o mau gôsto e o pirismo de certos abortos teatrais.

E' preciso que a gente nova, consciente dos valores do teatro, crie ambiente, e exija teatro que não amoleça e avilte; é preciso pedir teatro humano — manifestação da inteligência e do coração do Homem.

. . . .

Na récita clássica, levada a efeito no Teatro Nacional D. Maria II, subiram à cena o Auto de Mofina Mendes, o auto da Cananeia e o Juiz da Beira.

Mestre Gil caricaturou, na farça, meia dúzia de tipos e esboçou nos autos, neste da Cananeia por exemplo, uma glosa dramática de carácter religioso.

O auto de Mofina Mendes — mixto de auto sacramental e divertimento pastoril, de carácter popular, põe no tablado, vivo, esse mafarrico de Mofina Mendes, mulher dos diabos, doida de trazer por casa, imprudente e galhofeira.

E' mais colorida, psicològicamente mais rica a parte popular: as chalaças, a rudeza e a ingenuidade dos pastores; o auto sacramental em embrião, apesar da unção religiosa, não atinge as culminâncias dos autos sacramentais do país vizinho. Seria curioso, após estudo sério de toda a gama de símbolos, de todo o material folclórico e pitoresco, e ainda da doutrina que informa certos autos, determinar em que medida mestre Gil é teólogo, criador de tipos, ou reflexo de ambientes e até de problemas que são em certas épocas mais instantes e angustiosos.

Com Gil Vicente, no tablado, rimos: rimos da tontice de Mofina Mendes, rimos da grosseria do Juiz da Beira, e do Amador, e do Bailador, e do Brigoso, e de Ana Dias; mas não nos fica na bôca um rictus de amargura, quando olhando mais fundo, descobrimos a verdade? A verdade dêstes tipos...

E' que na farça — coisa risível — há a mesma intensidade que no drama, apenas os planos são diferentes. Na farça rimos, o autor retalha pelo ridículo; no drama feita uma análise à *rebours*, onde apenas o sublime parece ver-se, quanto de mesquinho fica por mostrar-se. A farça é um drama que não quis ser drama, e que o público (e o autor tambem) preferiu mostrar assim, para mais fàcilmente, com intenção social, descobrir cancros e outras maleitas.

O auto da Cananeia é o monólogo ardente de uma pobre mãe, e a oração humilde duma mulher cujo coração sofre; o dramatismo da sua situação: mulher desgraçada, mãe mais infeliz ainda, dá-no-lo Gil Vicente em frases certas, sem retórica nem ornamentos, na simplicidade do paroxismo de uma dor que pede remédio.

Passou-nos no tablado um mestre Gil, cantor da Virgem, ensaiando em passos hesitantes um auto mariânico (passe a expressão que talvez não seja das mais justas).

Descobrimos mais uma vez um Gil Vicente, que sabe jogar com os valores essenciais, no auto da Cananeia.

Encontrámo-nos novamente com o homem da farça, aquele esquadrinhador de tipos que não perdia vício ou mazela, onde marcasse o ferrete da risada.

Em que medida «viveu» Gil Vicente nesta récita clássica? Como interpretaram os componentes da emprêsa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro?

Em primeiro lugar, e é justa, uma palavra de aplauso (o aplauso que toda a gente nova dá generosamente, quando alguem nela pensa a sério).

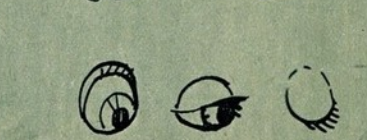
E' de facto louvável esta iniciativa de um Ciclo Cultural de Récitas Clássicas, pena é que estes espectáculos tenham um público tão reduzido.

Culpa de quem? De todos; nossa — público, porque estafados por um teatro que é a negação mesma do teatro, desconfiamos já de toda e qualquer iniciativa; confessemos ainda que infelizmente o público não merece ou não está preparado para espectáculos de nível mais elevado que o dos palcos revisteiros das nossas emprezas.

Mas vamos cair num ciclo vicioso, porque se a culpa é do público, que não está apto a aceitar e a aplaudir iniciativas deste género, igual culpa pertence às empresas que se habituam criminosa e comercialmente a satisfazer a mediocridade de um auditório que não sabe reagir.

Porque não tentar trazer para o palco outros autores e outras épocas que não sejam só Gil Vicente? Por que não fazer no palco um esboço, com peças representativas, da evolução do teatro português?

M. L. P.

Walt Disney observando a personalidade dos seus anões

A PROPÓSITO DA REPOSIÇÃO DE

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

Algumas de vocês não chegaram, talvez, a ver o cèlebre filme de desenhos animados de Walt Disney: «Branca de Neve e os sete anões».

Já lá vão nove anos — foi em 1938 — que esta maravilha do cinema foi criada, e oito anos que ela passou nos *écrans* portugueses.

Para muitas ela será, pois inédita, e aquelas que já a conhecem gostarão de a ver evocada aqui no nosso Boletim e de aprenderem um pouco como se faz um filme de desenhos animados.

Walt Disney, mesmo para aqueles que não viram «Branca de Neve e os sete anões» não é um desconhecido.

Quem não conhece alguma das suas criações? O rato *Mickey*, o pato *Donald*, etc., etc. E os seus célebres filmes que se sucederam à «Branca de Neve e os sete anões»: *Fantasia, Dumbo, Bambi, Caixinha de Surprêsas*, etc.

Mas o que não sabem, talvez, é o trabalho espantoso que dá a fazer um filme de desenhos animados. São capazes de calcular quantas imagens passam, por segundo, no *écran*? 24!...

E se o filme é colorido, é duplo o trabalho: as figuras são primeiro desenhadas e depois pintadas.

«Branca de Neve e os sete anões» conta 250.000 desenhos, que foram seleccionados entre 2.500.000!!!...

E certamente não avaliam tambem quanto custou este filme?

Apesar de não entrarem nele «estrelas» de Hollywood, dizem que custou três milhões de dólares!

E' que na sua feitura trabalharam, alem do realizador, centenas de artistas e especialistas de toda a ordem, durante quatro anos.

«Branca de neve e os sete anões» foi tirada do livro de Grimm: não vos conto a história porque não há ninguem que a não conheça.

Walt Disney estudou as figuras, dando a cada uma a sua personalidade marcada — cada anão é um tipo bem caracterizado — traçou o *croquis*, das suas diferentes expressões, e depois com estes apontamentos e sob a sua inspiração, numerosos colaboradores meteram mãos à obra, enquanto outros desenhadores se ocupavam dos fundos.

Reparem nas expressões de Branca de Neve e dos anões: parecem ter vida! O estudo prévio foi minucioso; observem os pormenores: olhos, bocas, etc.

Os sete anões foram primeiro criados em figuras de cera; para modêlo de «Branca de Neve» serviu uma rapariga.

Mas depois foi o lápis e o pincel, ao serviço da imaginação e da arte, que fizeram o resto...

M. J.

Em Vila Viçosa

Lá estivemos, no dia 20 de Outubro. Nem poderiamos faltar, aos pés da Padroeira, no momento em que toda a Nação quis reiterar o preito de vassalagem prestado há três séculos a Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

As bandeiras da M. P. F. ergueram-se nas ameias do Castelo, e com elas se levantaram nossos corações. Salvé, Rainha de Portugal!

Tambem em Evora as bandeiras da M. P. F. se inclinaram perante o altar armado sobre as ruinas do templo de Diana, e com elas ajoelharam as nossas almas, jurando que em Portugal reinará sempre, com Maria, seu Divino Filho!

1 — EVORA. Missa campal no templo de Diana.

2 — VILA VIÇOSA. No largo do Castelo.

3 - 4 - 5 — Curso de Graduadas — Provincia do Minho.

6 — N.ª Senhora de Fátima em Lisboa.

1

2

3

4

5

6

Nossa S.ª de Fátima em Lisboa

Na sua vinda à Capital, a M. P. F. acolheu e acompanhou N.ª Senhora de Fátima com filial carinho e devoção.

Um grupo de Dirigentes e Filiadas foi a Loures assistir à partida de N.ª Senhora, que quase todo o percurso, até Lisboa, acompanharam a pé.

No dia da partida, no cortejo fluvial, lá fomos tambem, romeiras agradecidas e confiantes, com fachos acesos nas mãos e a boca e a alma a cantar!

E cada uma de nós invejou as pombas aconchegadas aos pés da Senhora, sobre o andor carregado de flores, desejando com elas partir, para nunca mais nos separarmos da nossa Mãe e Raínha.

Fotos de Fernanda de Rezende, graduada da M. P. F.

FILHOS DA LUZ

«EU SOU A LUZ DO MUNDO»
(Quadro de Holman Hunt)

Viver na verdade é viver na luz, é praticar o bem. A mentira esconde-se nas trevas; o pecado é negrume da alma.

«Quem me segue — diz Cristo — não caminha nas trevas, mas tem a luz da vida».

Se vivermos cristãmente, daremos com a nossa vida testemunho da Verdade, e as nossas obras, boas e verdadeiras, darão glória ao nosso Pai que está nos céus.

Mas que vêm a ser obras *boas* e *verdadeiras?*

Obras boas são aquelas que são agradáveis a Deus: é a verdade vivida na caridade; *obras verdadeiras* são aquelas que correspondem à nossa natureza humana, inteligente, consciente e livre.

Não devemos pensar que para viver na verdade basta ter fé. Não! Não existe verdadeira religião sem coerência entre a fé e a vida prática.

Ser justo, ser bom, ser sincero, fazer render os talentos recebidos de Deus, é viver na verdade!

Viverás na verdade quando viveres alegrias sãs, conformes com a tua mocidade.

Viverás na verdade quando deixares transbordar o amor com que Deus encheu o teu coração.

Viverás na verdade quando cumprires os teus deveres de estado, que são a vontade divina a teu respeito.

Viverás na verdade quando em ti nada enganar: a humildade é a verdade!

Ama a verdade!

O mais belo título de que os homens se podem gloriar é este: **Filhos da Luz.** «Não somos filhos da noite nem das trevas; somos filhos da luz e filhos do dia», no dizer de S. Paulo.

Deus é luz, luz infinita, «sem sombras nem trevas». A santidade é a luz de Deus nas almas; a mentira é a contradição da santidade: são as trevas a vencer a luz.

Detesta a mentira!

A verdade tem outro nome, se o preferes: *simplicidade.*

Se fores verdadeira, serás simples.

A verdade é a simplicidade dum coração aberto e confiante, cujas afeições são a flor do sentimento.

A verdade é a simplicidade dum espírito luminoso, sem ideias reservadas nem complicações habilidosas e falsas.

A verdade é a simplicidade da intenção recta e pura que não busca desvios mas segue sempre a direito.

A verdade é a simplicidade que desconhece a afectação nas atitudes.

A verdade é a simplicidade da linguagem clara e sóbria, que não mente, não disfarça, não deturpa, não encobre, não malsina!

Ama a verdade e serás tu própria luz no mundo, a iluminar como Cristo!

Maria Joana Mendes Leal

Prometer e cumprir!

(Propósitos do Ano Novo)

1 — Todos os dias me hei-de deitar e levantar a horas certas! «Deitar cedo e cedo erguer, dá saude e faz crescer!»

2 — Sairei a tempo de casa para não precisar de ir para o liceu pendurada no eléctrico.

3 — Estudarei com regularidade para não ter más surprezas no fim do ano.

4 — Não me deixarei tentar pelo cinema quando tiver más informações dum filme.

5 — Serei amável para todas as condiscípulas, mas escolherei para amigas só aquelas cuja companhia me ajude a ser boa.

6 — Não andarei na rua com rapazes atrás de mim.

7 — Não perderei o tempo a falar ao telefone com todos os rapazes que conheci na praia.

8 — Não julgarei apaixonados por mim — nem ficarei eu própria apaixonada! — por todos os rapazes que dançaram comigo no baile.

9 — Não me pintarei como uma tabuleta de drogaria.

10 — Não me vestirei de modo a parecer uma rapariga pouco séria.

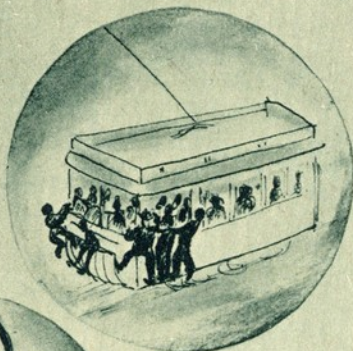
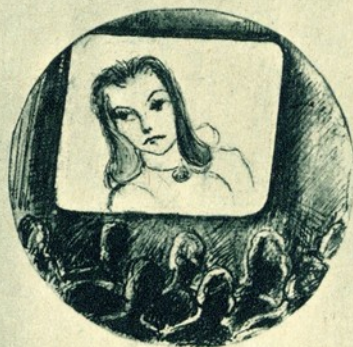
11 — Farei um pouco de desporto, mas sem prejuizo da saude ou do estudo.

12 — Quando tiver tempo, ajudarei a mãe nos trabalhos de casa.

13 — Não terei mau génio nem amuarei por insignificâncias.

14 — Não falarei mal das amigas, para merecer tê-las...

15 — Procurarei mostrar-me sempre bem disposta e contente na vida de família.

16 — Serei uma filiada exemplar da M. P. F.

MODAS

Janeiro! Brrr!!! que frio!...
Que bem nos sabe o casacão! — Este ano as mangas usam-se mais amplas, os casacos mais folgados.
N.os 1 2 e 3, elegantes, práticos e confortáveis, eis aqui 3 casacos que qualquer rapariga gostará de pôr.

N.º 4 — Lindo vestido simples com muita linha. Azul marinho, em lã, debruado com um viés largo em lã branca: botões com centro branco.

• • •

N.º 5 — Vestido de saia e casaco bem quentinho em fazenda de lã tipo «chevrons» mesclado com riscas de côr escura. O casaco é feito com a fazenda atravessada. Ultima palavra em novidade.

FALAR-TE-EI hoje, Paula, na economia doméstica. Habituadas como estamos às facilidades de um país que vive em paz não fazemos ideia do que verdadeiramente pode ser a *economia*.

Apesar de não termos tido guerra, pela sua repercursão a vida encareceutanto, que somos forçadas a restringir as nossas despesas e a aprender a poupar e a economisar para poder manter o mesmo nivel de vida.

Li num jornal francês do tempo da guerra que «não há pequenas economias» e fiquei espantada com a simplicidade desta verdade.

A seguir vinham vários conselhos para as donas de casa e lembro-me do primeiro: — «Nunca deite fora os fósforos usados. Ponha-os sempre no mesmo sítio e quando precisar acender outro lume utilise um fósforo usado e assim poupará um fósforo bom». — Este conselho mostra o grau da economia a que pela fôrça das circunstâncias chegou a dona de casa num país onde a linha se vendia a metro por alto preço.

A mulher francesa, alem de ser a mais elegante, é tambem a mais económica e activa. Nós, portuguesas, ficamos muito aquem nestes três pontos, embora noutros lhe levemos vantagem: o nosso feitio mais indolente e sonhador, o nosso clima e as nossas passadas grandezas, tornam-nos, na questão de actividade, engenho e economia, menos práticas. Na nossa terra, não são os mais pobres nem simplesmente os humildes que são as mais poupados e económicos. Pelo contrário! Parece estranho mas é óbvio que aqueles que nada possuem são em via de regra desperdiçados quando por acaso alcançam uma aragem de largueza. A *economia* aprendê-la-emos dos remediados e dos que vivem bem mas não chegam a ser ricos.

Esses é que de uma forma geral são mestres de economia.

Muito pode economisar dia a dia uma dona de casa, na comida, no combustível, no vestuário. A cozinha é uma arte. Os pratos «mascarados» e a *cozinha sintética* que nasceram das dificuldades da guerra, são o «último grito» da arte de Vatel.

Sobre esse ponto ainda as francesas são mestras, e delas te dou algumas receitas de que a mais curiosa é sem dúvida a «Mayonaise sintética». Muito boa aliás.

NOIVAS

Aqui te lembro Paula alguns preceitos de *economia doméstica* que na prática dão resultado.

Mayomaise sintética: Quem puder dispender um ôvo e uma colher de sopa de azeite poderá fazer uma excelente Mayonnaise de guerra.

Ponha ao lume numa caçarola, uma colher de farinha desfeita a frio com um pouco de água. Engrosse ao lume mexendo sempre até ficar um creme. Deite sal e pimenta.

Ponha então numa tigela uma gema de ovo e comece a mexer, incorporando aos poucos a colher de sopa de azeite como quem principia uma mayonnaise. (Nós portuguesas poderemos pôr 2 ou 3 colheres de azeite). Bata bem; em estando grosso vá juntando o creme de farinha morno.

Obterá uma esplêndida mayonnaise!

Môlho Mousseline: Se quiser fazer um môlho mais fino acrescente à Mayonnais Sintética a clara de ovo batida em castelo.

Cálcio: Devido a dificuldade de alimentação e à vida pouco natural dos grandes centros nota-se uma grande necessidade de cálcio na maioria da população. No lugar de drogas faça o seguinte: Quando tiver carne com ossos pegue neles e ponha-os num tacho com água e ferva-os bem e dessa água no primeiro dia faça a sopa. Á noite os ossos são escorri los e novamente postos num tacho limpo. No dia seguinte leve ao lume e ferva bem. Toda a comida do dia é feita com a água dos ossos, e assim seguidamente durante meses e anos... Todos os ossos novos vão para o tacho mas nunca se deitam fora os velhos. A água ficará sempre um pouco branca; o cálcio dos ossos será absorvido pela água dia a dia até estes se desfazerem. A comida cosinhada com esta água torna-se mais saborosa. Fazendo isto evitaremos a descalcificação, e diminuiremos a conta da farmácia.

CAMARADAGEM

(Continuação da pág. 12)

criancice da pequena! — exclamou o pai jovial. São os dezasseis anos! Ela queria ter um visconde na sua festa de anos, é o que isto é!

«Miss» Anderson, apesar da sua condescendência habitual, da liberdade que deixava gozar à sua aluna, repreendia de si para si a atitude demasiadamente benévola dos pais. Se ela media a sua responsabilidade, os pais não viam que a deles era maior, mas muito maior?

A loira «miss» no seu silêncio sentiu-se contrafeita. Ia-se embora. Fecharia as malas mas dentro da sua bagagem uma vòzinha triste parecia murmurar: Não tens nada com isso, evidentemente...

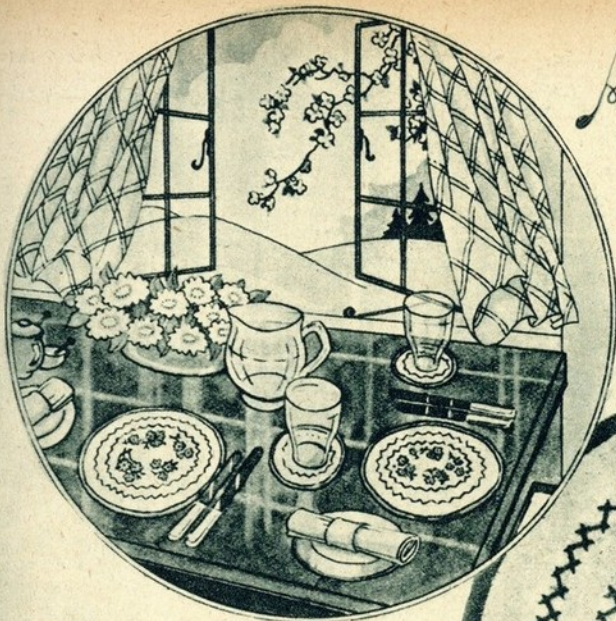
E no dia seguinte comentava-se em casa da Lourdes: «Como estas mestras são pouco reconhecidas! Despedir-se e partir por uma ninharia!»

A Lourdes sorria e acrescentava:
— Ela sentiu-se despeitada, foi o que foi. Eu bem sei porquê!

O sol entrava pelas janelas abertas de par-em-par.

Lourdes correu as persianas e ficou na meia luz tranquila, como se as sombras lhe dessem bem-estar.

(Continua)

MARIA AMÁLIA DA FONSECA

Os talos de couve são muito ricos em *cálcio:* Para consolidação de fracturas ósseas, coma todos os dias talos de couves cosidas às 2 refeições. Os braços e pernas partidas consolidam ràpidamente pela absorção natural do cálcio dos vegetais.

Os talos dos grelos de nabo ou de couve, descascam-se com uma faca, isto é, tira-se-lhes a fibra e cosem-se. São muito bons com môlho branco. Nunca se devem deitar fora pois são uma parte muito rica das hortaliças.

A água de coser as couves não se deita fora pois contem uma grande porção de vitaminas, sais minerais e cálcio. Utiliza-se para a sopa o que tornará esta ainda mais saborosa.

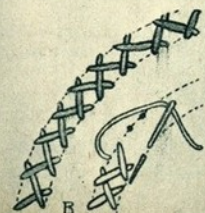
Da mesma forma se deve aproveitar a água de todas as hortaliças.

A água de coser massa, «nouilles» ou qualquer macarrão nunca se deita fora pois serve para a sopa ou para um guisado de carne só, que se engrossará com um pouco de farinha. Poupar-se-á neste caso o combustível, aproveitando a água que já está quente onde ferveram as «nouilles» e daremos um certo aveludado às sopas de hortaliça etc., (serve para qualquer sopa) o que as tornará deliciosas.

As hortaliças nunca se devem coser destapadas pois grande parte das suas propriedades perde-se diluida no vapor da água.

Minhas senhoras, o bicarbonato que deitam nas hortaliças para que fiquem verdes, destroi parte do cálcio que estas contêm e torna-as num alimento pobre. — Para conseguir hortaliças verdes sem bicarbonato: Ponha ao lume uma panela com bastante água temperada de sal. Estando a ferver em cachão deite então a hortaliça já lavada; tape e tenha a panela em lume forte para ferver ràpidamente. Assim que estiver cosida deite um copo de água fria fervida. A fervura deve parar instantâneamente. Tire do lume. As hortaliças assim cosidas podem depois esperar na própria água morna em que estão sem perigo de amarelarem.

As cascas dos ovos migadas miudas juntas a 2 pitadas de pó de carvão vegetal devem ser misturadas na comida das galinhas; uma porçãosinha diàriamente para que sejam boas poedeiras e engordem.

As cascas dos ovos pisadas muito finas em almofariz até ficarem reduzidas a pó são cálcio simples que se tomará com êxito às refeições misturando uma colherinha de café de pó de cascas de ovos em uma colher de sopa de caldo.

A pedido duma filiada de S. Miguel, Açores, as firmas desejadas

Novamente te damos, Paula, um modêlo de «napperons» que ficarão muito bonitos a «coton perlé» sobre estopa de linho côr crua.

Que divertido é bordar com cores alegres um bordado rápido de fazer! Como entretem escolher e combinar as cores e os tons! Para tomar chá com as amigas, na primavera, naqueles dias em que o ar carregado de aromas e já tépido das proximidades do verão entra pela janela aberta como uma promessa de felicidade!... Estes napperons evitam uma toalha e são alegres e bonitos. Um em cada lugar para a merenda. E' um pouco difícil passar o desenho em pano tão grosso, e isto far-se-á sumàriamente. (A) O ponto cruzado é feito depois de marcado com um alinhavo meudo. (B) Em redor, a debruar, uma trança de lã vulgar em côr forte. Castanho, verde, azul ou encarnado, consoante as cores empregadas no bordado.

Que mesa alegre!!!

M. B.

CAMARADAGEM

Projectos de festa

Com o braço assente sobre a secretária, o rosto pendido, dir-se-ia que a Lourdes meditava sobre matéria grave, sobre qualquer problema intrincado.

Os caracois negros, por duas ou três vezes foram sacudidos pelo estremecimento da cabeça onde as idéias não pareciam de acôrdo umas com as outras.

Porque seria?

Lourdes tinha então hesitações, ela que diante de qualquer pessoa nunca deixara transparecer a mais pequena fraqueza do seu carácter orgulhoso, que mentia a si própria e sabia dissimular sob uma expressão indiferente a revolta ou a alegria e com uma expressão desdenhosa criticava os actos mais enternecedores, essa Lourdes autoritária, à luz do *abat-jour* de seda amarelo claro, tinha nessa noite uma atitude embaraçada.

A voz de «miss» Anderson, a mestra inglesa, ouviu-se nesse instante:

— «May y come in»?

Depressa, os papeis todos juntos e o livro de inglês aberto sobre eles, descansado, como se não estivesse a ocultar escritos mas, antes pelo contrário, a oferecer a leitura das suas páginas.

— Lourdes! — disse a rapariga inglesa mal entrou a porta. — Venho preveni-la de que é a última vez que saio comsigo. A menina fará depois de amanhã dezasseis anos e na sua idade, estuda-se, joga-se, brinca-se, não se fazem *flirts*.

«Miss»Anderson falava em português quase correctamente e tinha dito isto com um ar severo que contrastava com a sua fisionomia de boneca rosada. Via-se que fôra preciso um grande esfôrço, ou grande indignação, para o calor da reprimenda lhe sair naquele tom directo e impetuoso.

Lourdes admirou-se. Olhou a sua «miss» e o seu primeiro impulso foi responder-lhe vivamente, mas os pais ouviriam.

Então, de um modo velhaco foi empurrando «miss» Anderson para o cadeirão e obrigou-a a sentar-se,

— E' bonita, não se faça feia! Acalme-se! Como tem coragem de se zangar comigo? Não sabe que eu sou muito sua amiga e...

Lourdes pegou na mão da jóvem «miss», assentou-se no braço do cadeirão e começou a bater-lhe no ombro umas pancadinhas de cumplicidade:

— Eu sei — continuou ela — que a «miss» Anderson me vem falar de *flirts* porque não quere que desconfiem de si...

A rapariga inglesa levantou a cabeça e a poupa loira reflectiu mil dourados faiscantes.

— Vai inventar uma das suas para me iludir? — perguntou ela, medindo a aluna com os seus olhos pequeninos.

— Oh! Não invento coisa nenhuma! A «miss» Anderson é que escolhe sempre a «Império» para irmos tomar chá e naquela mesa do canto, sabe, não é verdade? está sempre o mesmo rapaz janota, que olha todo o tempo para si e nos acompanha depois até casa. Não é nem a primeira nem a segunda vez que ele faz a mesma graça e garanto-lhe que para quem ele olha é para si. Porque me vem acusar? E' para se defender?

Ela aproximava a cara da de «miss» Anderson e falara-lhe como em confidência.

A mestra, sem se alterar, segurou-lhe a cabeça com as duas mãos e olhou-a de frente.

— Ouça, menina! Então faz favor de me explicar porque anda esse rapaz a passear debaixo das janelas do seu quarto e a olhar para lá como se esperasse vê-la ali? A menina é certamente ingénua demais para me iludir mas é perigosa e eu não quero responsabilidades, porque a menina tem a habilidade de trazer enganadas as pessoas de sua família. Digo-lhe adeus e apresentarei as minhas despedidas a seus pais, mas vou preveni-los de tudo.

— Oh! Não, «miss» Anderson! O que vai fazer? Sabe que a minha mãe sofre do coração. Quere matá-la? Eu farei o que a «miss» quizer mas não se vá. Depois de amanhã é o dia dos meus anos, gostaria tanto de lhe ver o vestido de baile...

— Impossivel, minha querida, não quero ficar.

Exasperada, Lourdes esfrangalhara com os dentes a ponta do lenço de cambraia. Depois correu para a porta e saiu.

«Miss» Anderson, levantou-se, dobrou o livro de inglês, que estava sobre a secretária e os olhos foram cair sobre duas folhas de papel que ela julgou ser a tradução do exercicio.

Pegou-lhes e leu-as. A' medida que as lia o interesse pintava-se-lhe no rosto.

— Há raparigas! — murmurou ela, metendo as folhas dentro do livro.

A mãe da Lourdes entrou quando a mestra ia a sair do escritório. Tinha as faces pálidas.

— Que história é esta, «miss» Anderson? Fazer-nos a partida de se querer ir embora quando preciso de si? Sabe que a pequena tem aqui as suas amigas depois de amanhã, há encomendas a fazer, há-de ir com ela à modista provar o vestido... imagine!

— Minha senhora, desculpe-me, mas não acompanho mais a sua filha. Leia esta carta, que sua filha escrevia a um desconhecido.

A mãe de Lourdes percorreu a carta atentamente. No fim, surpreendida, reluziu-lhe nos olhos um relâmpago de cólera.

— Porque não me preveniu disto há mais tempo? Minha filha fazia-a com certeza sua confidente...

O pai de Lourdes entrou nesse instante, arreliadissimo.

— Então a pequena está a chorar, porque a menina resolveu pregar-nos esta peça? Não se faz! Tratámo-la sempre como família, que diacho!

— Olha, lê esta carta da tua filha. Vê lá isto! A convidar um ilustre desconhecido a fazer-se passar por amigo do João para vir à festa no dia dos anos dela. Isto só se aprende no cinema!

O pai da Lourdes começou a ler. O pasmo, a dúvida e, por fim, um descerrar de lábios hesitante, que terminou numa risada divertida, convenceu as duas senhoras de que ele achava aquilo bastante cómico.

— O' Lourdes — chamou ele para fora. — Vais explicar-me o que é este menino a quem tu escreves. E' alguém de quem tu gostas? — perguntou ele num tom suave.

Lourdes olhou à roda. Viu a carta. Via-se portanto perante um conselho de família, mas era tranquilizador o sorriso de seu pai. Retomou então o sangue frio.

— O' pai, eu, francamente, acho que esse rapaz tem uma figura estupenda!

— Mas quem é ele? Onde o conheceste?

— Tenho-o encontrado na «Império» quando lá vou com «miss» Anderson tomar chá. E' simpatiquissimo e os creados tratam-no por senhor Visconde e ele assina-se, mesmo, futuro Visconde de Bergaços...

— Visconde de Bergaços? — o pai reflectiu um instante. — Visconde de Bergaços, bem sei! Naturalmente, é filho daquele velhote, que nós conhecemos na Curia, não te lembras?

A mãe da Lourdes parecia lembrar-se muito bem do tal velhote, o que não tinha era a certeza, se ele vestia fato cinzento ou casaco branco, mas certo, certo, era que ele tinha um «Pontiac» azul escuro, moderno e muito elegante.

A mestra inglesa interrompeu:

— Dão-me licença que me vá embora amanhã, não é assim?

— O' «miss» Anderson! isto é uma

(*Continua na pág. 10*)

Na companhia de Vicente Lunardi, uma senhora italiana voou sobre Londres em 1789

A MULHER E A AVIAÇÃO

A um observador imparcial poderiam parecer duas coisas incompatíveis, a mulher e a aviação.

Dum lado teríamos, com efeito, a sensibilidade, a fragilidade, aliadas a um sentimento, essencialmente caseiro. Do outro encontraríamos, o perigo, a aventura aliados a um fim sempre incerto.

Assim, quando naquele dia 2 de Setembro de 1930, a aviadora francesa Maryse Bastié bateu o record de duração mantendo-se 38 horas seguidas no ar, o Mundo abriu os olhos de espanto e de admiração.

Aquilo que ele nunca julgara possível acontecera finalmente...

As qualidades das mulheres brilharam então como a luz que ofusca, que deslumbra mas não cega.

Se agora soubermos quais as condições em que aquela aviadora conseguiu a sua importante proeza, verificamos que o espanto era mais que justificado, era natural e irreprimível.

Só, a bordo dum aparelho frágil, monoplace, sem a menor comodidade, aberto e estreito, onde a imobilidade era obrigatória, Maryse Bastié surge-nos em todo o seu valor.

Mas, como se isto não bastasse, temos ainda que a sua tenacidade é mais que extraordinária, é exemplar.

Segundo um velho provérbio japonês, ser tenaz consiste em cair 10 vezes e levantar-se 11. Maryse Bastié caiu 2 e levantou-se 3.

No dia 28 de Junho foi obrigada a aterrar num campo de milho. No dia 17 de Agosto, depois de 26 horas de vôo, é compelida a desistir.

Tentava finalmente a 2 de Setembro, pela última vez.

No princípio da segunda noite as caímbras começaram a atormentá-la. A necessidade de dormir aliada a sofrimentos intoleráveis lutavam contra ela. Mas tudo suportou. Para vencer o sono molhava os olhos em água de colónia e era com a dôr que se mantinha acordada.

Quando por fim aterrou, Maryse Bastié tinha em menos de dois dias perdido *quatro* quilos.

São dela as palavras: "A minha situação era tão crítica que desejei morrer... mas não queria desistir. Desejei a "panne" e o acidente, mas recusava-me a pôr eu mesma fim à prova..."

Mais fracas que os homens, mais sensíveis, mas nem por isso menos corajosas e persistentes, as mulheres impuzeram-se por intermédio desta aviadora à admiração de um Mundo de incrédulos e de ociosos.

Milagres só Deus, diz o nosso povo e é bem certo. Mas a vontade pode também fazer milagres e Maryse Bastié provou-o da maneira mais concreta.

Ao lado de mulheres de Ciência como Madame Curie, de heroinas como Joana d'Arc, de Santas como Santa Terezinha do Menino Jesus, o nome de Maryse Bastié devia ser lembrado como o nome daquela que fêz o mundo acreditar de novo nas possibilidades do seu sexo.

Não se conclui que antes dela as mulheres não tivessem já dado provas de grande coragem. Léna Bernstein, Laura Ingalls, Eleanor Smith, Andrienne Bolland e outras tinham-no já provado, mas não de maneira tão espectacular e chocante. Mas nem tudo são glórias.

Depois de grandes proesas, Léna Bernstein, morria em África possuindo ùnicamente o vestido que tinha sobre o corpo. O Mundo esqueceu-se de que Adrienne Bolland tinha sobrevoado os Andes, esqueceu-se de muito mais infelizmente, demonstrando que apesar de tudo, a eterna mesquinhez ainda abundava.

Surge nos ceus da França e da Fama alguem que durante anos seria considerado uma das maiores aviadoras do Mundo: HÉLÈNE BOUCHER.

A Alemanha brinda a Terra com um dos expoentes máximos da aviação: LIESEL BACH.

Em 1934 num duelo emocionante e leal, Liesel Bach arrebata a Hélène Boucher o título supremo: A Taça do Mundo de Acrobacia Feminina.

Um nome que poucos desconhecem cobre-se duma auréola brilhante de triunfo — a americana Amélia Earhart.

Amy Johnson deslumbra o Mundo com as suas travessias.

Citar todos os nomes seria tarefa difícil, tantas foram e tão notáveis as mulheres que se dedicaram de alma e coração ao ar e aos seus atraentes mistérios, ao perigo e ao seu embalador "frisson".

E nós, quando pensamos nesses homens (?) que têm medo da aviação, como se ela fôsse aquele bicho de sete cabeças que nos assustava em pequenos, não podemos deixar de admirar essas mulheres que quantas vezes sós e em aparelhos imperfeitos, se abalançavam a emprezas que deixariam esses homens tranzidos de pavor.

Quando alguma rapariga lhes disser que quere ir para a aviação, não se riam dela. Lembrem-se sempre da persistência de Maryse Bastié, do virtuosismo de Liesel Bach e da audácia de Amy Johnson.

É da Mocidade de hoje que saem os chefes, os heróis e os sábios de Amanhã e quem sabe se aquela de quem riste não será no futuro Alguem na Aviação.

Lembrem-se sempre das que acabo de mencionar que elas lutaram e morreram pelo bem do Mundo, Elas morreram pelo vosso Bem.

João António Mendes Leal

A senhora Blanchard subiu num balão em Milão, no ano de 1811

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

ALEGRIAS E TRISTEZAS

VI

Nessa mesma tarde Maria de Lourdes escreveu ao tio Antònio de Castro: pedia-lhe para vir falar-lhe à noite, sòzinho, sem o Joaquim, embora lhe parecesse estranho... Ela diria as razões desse pedido. E, fechada com o tio na saleta, soluços de desespero embargando-lhe a voz, Maria de Lourdes contou ao comandante a visita de Maria Laura com a filhinha. a sua nora, a sua neta!

— Custa-me a crêr em toda essa história, Lourdes; e é preciso chamar já o Joaquim para que venha explicá-la.

— Não, não, Tio! Não deixe cá vir o Joaquim, pelo amor de Deus! Que razões poderà ele dar que o impeçam de fazer o que deve?

— E se tudo isso é mentira?

— Eu vi, meu Tio...

— Deixa vir o Joaquim, Lourdes; tem o direito de defender a sua felicidade.

— Sacrificando o dever, Tio Antónlo? —

— Não sabes ainda como ele se justifica, Lourdes. E eu queria ter-te como filha... — acrescentou o comandante, beijando-a com ternura.

— A vida é cruel, às vezes...—murmurou Maria de Lourdes, tristemente.

E o comandante saiu, pensativo e profundamente impressionado.

Tinham passado semanas; e D. Mecia, mais impaciente que nunca, sem reconhecer na filha as suas raras qualidades de bondade e dedicação, sem ver a que ponto eram admiráveis o carinho, a paciência com que Maria de Lourdes cuidava dela, adoecera.

O médico do bairro, chamado à pressa, diagnosticando um caso grave, abanava a cabeça de maneira enigmática, sem bem dizer, talvez por não saber, que doença era aquela, tão pouco definida, que dava à infeliz senhora temperaturas altas e, por vezes, uma excitação verdadeiramente anormal!

Quando Maria de Lourdes, de semblante risonho, perguntava à mãe o que sentia, raro era não ver enrugar-se a fisionomia de D. Mécia e receber a resposta brusca:

— Não sei. Estou mal. Mas não morro tão depressa; não o julgues.

— Oh Mãe! — murmurava a filha com lágrimas irreprimiveis.

— Era um alivio, bem sei; mas não estou tão mal como pensam: e ainda quero ter uns anos de vida, com a fortuna que tivemos e a que temos direito.

— Vamos curá-la, Mãe, esteja descansado: mas tem de ajudar a cura, sim?

— Para isso se chamou o médico.

Nada mais se conseguia; mas a doença continuavas em caracteristicas, mantendo a febre quase constante.

E Maria de Lourdes viu-se obrigada a pedir uma licença no escritório começando, assim, a desiquilibrar-se a situação financeira da familia.

Não tornara a ver Joaquim; talvez breve partisse para Macau, inconsolável pelo abandono dela...

Como a vida estava sendo dura para Maria de Lourdes! Parecia que tudo se juntava para a afligir.

Mas acima das tristezas, acima dos factos dolorosos, punha sempre a paz da sua consciência na certeza de seguir pelo caminho direito. E essa paz possuia ela em cheio; nem um momento duvidava que procedera como devia.

Recordava agora, sentada a trabalhar no canto do quarto da mãe, enquanto a doente dormia, a fisionomia espantada de seu tio, quando ela lhe expusera a situação inadmissivel criada por Joaquim à pobre dactilógrafa; e a tristeza profunda com que o comandante a beijara dizendo:

— Queria ter-te como filha...

E ouvia a sua própria voz, repassada de lágrimas, respondendo, com firmeza:

— Meu tio, o dever do Joaquim está ali: tem de levar à igreja essa infeliz com quem se registou em Africa, e olhar pela sua filhinha.

Mas desde esse dia, parecia-lhe que toda a sua fôrça de ânimo, a fortaleza cristã a que sempre se agarrara, ficara estranhamente enfraquecida... Como explicá-lo?

Bateram à porta com fôrça; e, atravez do ciciar da criada, Maria de Lourdes ouviu distinctamente a voz de Joaquim:

— Ouve, Laurinda: eu tenho de entrar e não há nada que me impeça de o fazer.

Laurinda pedia, suplicava em segredo:

— Vá-se embora, sr. tenente: a Sr.ª D. Maria de Lourdes não quer ver ninguem, está ao pé da senhora.

Mas Joaquim, contra o seu costume, tornara-se rude; e, empurrando a rapariga, entrou na saleta.

Tudo isto Maria de Lourdes ouviu e, como a mãe não desse mostras de acordardeste longo sono, dirigiu-se à saleta.

— Os maiores criminosos, Lourdes, têm o direito absoluto de se defender; porque não queres ouvir-me? Eu nem tenho que me defender; pois não sou culpado.

— Oh Joaquim... — murmurou Maria de Lourdes — Para que serve este nosso encontro? Só te censuro, por não teres falado francamente, por não teres dito...

— O quê? — tornou Joaquim, grave.

Maria de Lourdes olhou o primo com sincero espanto.

— A tua vida em Africa, do teu casamento civil com essa criatura, da criancinha que é tua filha, da...

— Basta, Lourdes; não continues. Tudo isso é uma novela, sabes? Ou inventada para impedir o nosso casamento, ou, quem sabe? sinceramente confundida com outro homem que não sou eu.

— O quê? Essa confusão não é possivel; e seria bem fácil pôr tudo a claro.

— Pois isso mesmo se fará; e breve.

— Eu falei com essa rapariga, Joaquim; não parece, e não é, com certeza, uma aventureira. Mostrou-me. ouviste? a certidão do casamento civil, realizado em Moçambique há três anos!

— Comigo, Lourdes?! — perguntou Joaquim, esboçando um sorriso.

— Contigo, Joaquim. Lá estava o teu nome, a tua idade, o teu posto nesse tempo...

— Estranha coincidência, realmente — disse Joaquim, pensativo.

— Porque me não dizes a verdade? Achas que não t'a mereço?

Joaquim levantou-se, num impeto, pegou na mão de Maria de Lourdes, olhou-a bem de frente e declarou:

— Não casei com essa mulher nem com outra: e hei-de provar-t'o, Maria de Lourdes.

Sem dizer mais nada Joaquim de Castro saiu da saleta, deixando Maria de Lourdes abismada em tristes pensamentos; pois sentia que, pela primeira vez, Joaquim lhe não dizia a verdade...

(Continua)

CONVERSAS

— Lamento ter de dizer a vocês que o almoço hoje está longe, longissimo, de ser opiparo... — suspirou Berta.

— E porque o não arranjaste bom? — perguntou Maria do Rosário.

— Eu não digo que seja *mau* — respondeu Berta — Mas, com as dificuldades do momento, não consegui nada do que queria! e tive de preparar um «menu»...

— Ementa! — gritou Alexandra.

— Pois sim, pois sim — tornou Berta — mas olha que a tal *ementa* não é nada apetitosa.

— O que temos, então, para o almoço, Berta? — perguntou o pai.

— Uma sopa simples, de carne, que se chama *mimosa*, por ter bolinhas de ovo cozido no caldo.

— *Exquis*, Berthe — observou Mademoiselle Sixte, sorrindo.

— E segue-se, como prato único, um bom «navarin» de peito de vitela: quer dizer, a vitela com variadissimos legumes guisada à francesa.

— A' francesa, porquê?? — interrogou Júlia.

— Si si, Berthe sabe bem a diferença: não fazer o que chamam «refogado» — disse Mademoiselle Sixte.

— Batatas, cebolinhas inteiras, nabos, cenouras, etc, tudo posto ao mesmo tempo — esclareceu Berta.

— E o que será o doce? — perguntou Maria do Carmo.

— Uma novidade — tornou Berta — um pudim ideal... feito com uma lata de Nestlé!!!

— Bem, vamos à parte espiritual — disse o pai — As conversas, hoje, terão de concentrar-se numa interessantíssima figura de mulher, que viveu na época do Renascimento.

— Portuguesa, Pai? — perguntou Angélica.

— Digo-lhes já quem é: Maria Stuart, rainha da Escócia — respondeu o dr. Menezes.

— Cá por mim: bico! — gemeu Carmo.

— Nós tivemos uma professora que dizia dela cobras e lagartos — observou Maria do Rosário.

— Pois nós tivemos uma, em França, que a considerava uma santa — disse Angélica.

MARIA STUART

— É uma figura cheia de interêsse — tornou o pai — e que se, às vezes, nos enche de indignação pela sua leviandade e, pela sua estranha atitude na morte do Darnley, seu segundo marido, tambem nos seduz de uma maneira invulgar.

— O primeiro marido não foi Francisco II, — o rei de França? — perguntou Júlia.

— Tal qual: o filho mais velho de Henrique II e de Catarina de Medicis — tornou o pae — O certo é que Maria Stuart, linda, encantadora, culta, com toda a graça francesa (pois tinha ido muito nova, e já noiva do príncipe francês, para junto de sua Avó materna, a duquesa de Guise) ficou viuva aos 17 anos: e, deixando a França com antecipada saudade, embarcou para a sua rude Escócia, onde a esperavam, sim, os seus partidários católicos, mas onde tambem a esperavam as maiores lutas e tragédias.

— Lá casou com Darnley — lembrou Julia.

— O pior foi casar depois com Bothwell, o homem que se dizia ter mandado assassinar o Darnley — observou Angélica — Embora o Darnley não tivesse nada de bom, nem se importasse com ela.

O Dr. Menezes Pinto continuou:

— Acusada de cumplicidade com o Bothwel, perseguida pelos protestantes, Maria Stuart teve então uma inspiração que foi a sua desgraça: pedir auxílio à sua prima Elizabeth, rainha de Inglaterra, e marchar para Londres.

— Meteu-se na bôca do lobo, visto que Isabel de Inglaterra a odiava a valer — disse Berta.

— É verdade; mas foi nos dezanove anos da sua prisão que a infeliz e linda rainha da Escócia se elevou espiritualmente de uma maneira que, ainda hoje, muito nos impressiona, não acham? — observou Angélica.

— Não quis nunca renegar a sua religião e pode dizer-se, afoitamente, que Maria Stuart morreu pela sua Fé! — confirmou Alexandra.

— Talvez, assim, expiasse os maus passos da sua vida... — concluiu Berta.

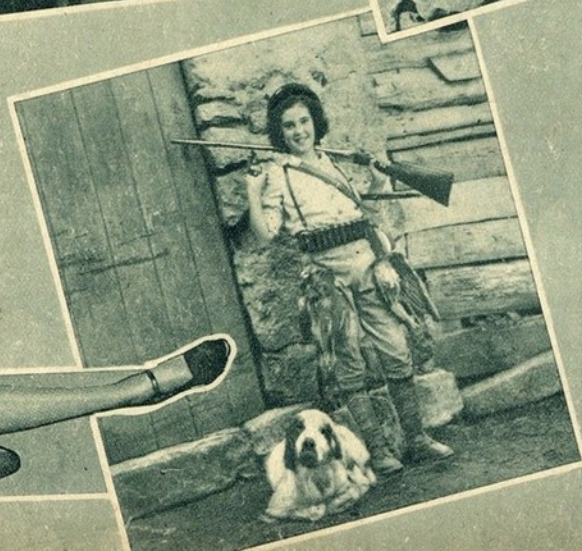
BOAS IDÉIAS

Nos tempos actuais, sendo dificil (e, até impossivel, às vezes) obter a boa manteiga, o fino azeite, a branca farinha, os ovos frescos... talvez venha fora de propósito trazer certas receitas culinárias às minhas queridas leitoras. Contudo... quantas vezes, milagrosamente, se possue essas preciosas matérias primas e escasseiam as ideias?? Por isso lembro hoje uma certa e especialissima:

TORTA SOUBISE

Trata-se de um prato essencialmente requintado pertencendo à verdadeira «alta cozinha»*. Amassa-se* 200 grs. de farinha com 100 gramas de manteiga *e* 50 grs. de banha; água e sal *apenas quanto baste para a massa ficar lisa e linda. Enquanto ela descansa, ao fresco, faz-se um creme grosso com* 2 dc. de leite, *bem temperado de sal e pimenta, e feito* à francesa, *isto é: juntar* 2 *colheres de farinha com* 1 *e meia de manteiga e ligar bem sobre o lume; juntando depois o* leite *e deixando engrossar.*

A este creme, depois de frio, junta-se: 800 grs. de cebolas, *cozidas e passadas na máquina.* Mistura-se *bem esta papada que se põe ao fresco. Com a massa forra-se, então, um prato Pyrex, (reservando um bocadinho para umas tiras) enche-se com o creme das cebolas, cobre-se com tiras de massa, cruzadas umas sobre as outras, e leva-se a um forno não muito forte, para que a massa cosa devagar. É evidente que terá de tomar côr antes de ir à mesa: e não se tira do Pyrex, pois a massa é quebradiça ao máximo.*

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

FOTOGRAFIAS ENVIADAS PELA FILIADA N.º 23036

Maria Virgínia Sanches de Castilho Gersão